

Ano Novo, mundos novos no CCB

■ Sob o signo de Orfeu e de Gil Vicente musical arranca o novo ano no CCB. Novos Mundos, também com Carta Branca a Jonathan Uliel Saldanha, num programa global com meia centena de propostas no domínio da música, do teatro, da dança, do pensamento, das exposições e das atividades para os mais novos e famílias.

Philip Glass é o compositor em destaque em janeiro. A 16, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, dirigida por Antonio Pirolli, apresenta o seu *Duplo Concerto para Violino e Violoncelo*, num programa que inclui obras de Offenbach e Liszt a mote de Orfeu. O mito grego inspirou vários compositores ao correr do tempo, e também Philip Glass, que compôs a ópera *Orphée*, que a Orquestra Metropolitana de Lisboa, sob a direção do maestro Pedro Neves, interpreta a 27 e 29. É uma coprodução do CCB, com o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com encenação do brasileiro Felipe Hirsch e um elenco português.

A 29 de janeiro terá lugar o primeiro concerto de Carta Branca, com curadoria do artista visual e músico Jonathan Uliel Saldanha, que junta os HHY & The Kampala Unit, fundados pelo próprio, a trompetista e ativista ugandesa Florence Lugemwa e o percussionista congolês Sekelembé. A 12 de março, será a vez do coletivo vocal Cobra' Coral.

Já em fevereiro, celebram-se os 500 anos de *Cortes de Júpiter*, com uma programação dedicada à faceta musical menos conhecida de Gil Vicente. Uma versão operática daquela obra, com encenação de Ricardo Neves-Neves e direção musical de Filipe Raposo, será apresentada a 5 e 6, em resultado do primeiro Laboratório de Ópera do



Kind (Filho/a) Terceira parte da trilogia familiar da companhia Peeping Tom

CCB. A importância musicológica de Gil Vicente é, de resto, objeto de um colóquio internacional, a 4, com coordenação de Manuel Pedro Ferreira e Luísa Cymbron, do CESEM. A propósito dessa vertente, exploram-se diferentes aproximações musicais, como a Folia, género a partir do qual se desenvolvem os programas dos concertos pela Orquestra de Câmara Portuguesa, a 6, pelo pianista Vasco Dantas Rocha, a 11, e por António Carrilho, Catherine Strynckx e Jenny Silvestre, a 25. O Toy Ensemble, por seu lado, irá visitar a Trilogia das Barcas, a 4 de março.

Uma outra reavistagem que promete é a do filme *Ensaio de Orquestra*, de Federico Fellini, que vai ser transposto para o palco com encenação de Tonan Quito e direção musical do pianista Filipe Melo, com a Orquestra do Hot Clube de

Portugal. Estreia a 4 e 5 de março. Antes, em fevereiro, é de destacar, ainda, no plano teatral, André e Teodósio, com *Info Maníaco*, uma criação com José Maria Vieira Mendes, do Teatro Praga, de 10 a 13, e a companhia Mala Voadora, com o monólogo *inFausto*, de 18 a 20, com texto de Alex Cassal e interpretação de Jorge Andrade.

Na dança, destaca-se o regresso da companhia Peeping Tom ao CCB, a 2 e 3 de fev., com o terceiro momento da sua trilogia sobre a família, Kind (Filho/a); e a companhia catalã La Veronal, do coreógrafo Marcos Morau, traz *Pasionaria*, a 11 e 12 fev.

Olga Roriz, com Insónia, já a 13 e 14 jan., e Clara Andermatt, com Pantera, a 19 e 20 mar., são as coreógrafas portuguesas que se apresentam com as suas companhias, neste trimestre do CCB que promove ainda o festival Gaivotas <-> Belém, de 8 a 13 mar., uma iniciativa conjunta com a Rua das Gaivotas 6/Teatro Praga e O Espaço do Tempo, para dar visibilidade a artistas emergentes.

Por outro lado, no âmbito da Temporada Portugal-França 2022, decorrerá o ciclo de conferências Diálogos de Estética, comissariado pelo filósofo Jacinto Lageira, que arranca, a 17 de março, com Jacques Rancière. Pelo CCB vão passar, até 27 de outubro, destacados nomes do pensamento francês. E, já a 13, começa a temporada do Formas de Ler, de Helena Vasconcelos, dedicado à obra *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust.

Entretanto, em março, inaugurar-se-á, a 8, uma nova exposição na Garagem Sul do CCB, Rádio Antecâmara: Espaços Sonoros, com curadoria de Alessia Allegri e Pedro Campos Costa. ■